

TV Escola: construindo um caso de sucesso

Ester Grinspum

PAULO RENATO SOUZA

Um dos grandes desafios da gestão educacional de nossos tempos é introduzir na escola as novas tecnologias que este final de século vem tornando cada vez mais presentes em nosso dia-a-dia. Parece haver consenso de que o êxito no casamento entre educação e os modernos recursos da comunicação e da informática pode proporcionar saltos de qualidade na educação.

O desafio passa a ter um significado especial para nosso país, pois permitiria reduzir as grandes diferenças que nos separam hoje dos sistemas educacionais dos países ricos. O tema não é trivial, pois, há até bem pouco, mesmo no mundo desenvolvido, contavam-se poucos casos de sucesso no uso das novas tecnologias na educação. Hoje, já se acumulam experiências exitosas em número suficiente para apontar o caminho a seguir.

Nesse sentido, desde o início do governo do presidente Fernando Henrique traçamos uma estratégia de médio prazo, que contemplou, inicialmente, o uso da televisão como recurso para a atualização de professores e para o apoio ao seu trabalho na sala de aula.

O próximo passo será a introdução do computador nas escolas públicas de 1º e 2º graus. Trata-se, entretanto, de dois programas totalmente distintos em seus objetivos, abrangência e metodologia de implantação. Referir-me-ei hoje apenas ao Programa TV Escola.

O objetivo do Programa TV Escola é o treinamento e atualização de professores do ensino fundamental. Programas com objetivos semelhantes vêm sendo implantados no Canadá e no Reino Unido, iniciados pouco tempo antes da experiência brasileira.

Quis o governo federal oferecer a todos os sistemas de ensino, estaduais e municipais, um material de apoio à escola com qualidade de Primeiro Mundo. Toda a produção é terceirizada, sendo boa parte da programação adquirida no exterior, e o restante, produzido em nosso país, pelas TVs educativas e por universidades. A programação é acompanhada por textos de apoio, e uma revista bimestral informa a programação diária, de três horas, repetida quatro vezes a partir das 7h, de segunda a sexta-feira.

A única forma de atingir o Brasil todo, das populações isoladas da Amazônia às regiões urbanas do Sudeste e do



Sul, sem dúvida, era o uso do satélite Brasilsat, ocupando um espaço disponível para o governo e até então ocioso. A implantação de um programa dessa envergadura, em um tempo tão curto, foi possível graças ao domínio que temos dessa tecnologia de comunicação.

O custo do programa pode ser considerado baixo face a seus objetivos e alcance. Assim, para a aquisição de uma antena parabólica convencional, um televisor e um videocassete foram gastos apenas R\$ 1.500 por escola. Os recursos foram repassados a todos os Estados e prefeituras, permitindo beneficiar mais de 50 mil escolas —todas as que possuem mais de 100 alunos—, tendo sido investidos, portanto, menos de R\$ 80 milhões na infra-estrutura de transmissão e recepção.

Num programa com essas características, não era o caso de desenvolver um amplo programa de treinamento dos professores antes da implantação dos equipamentos. Trei-

ná-los em quê? Em ligar e sintonizar o televisor?

O problema central de um programa como este é o de conquistar o professor para o uso dessa tecnologia na sua atualização e para o enriquecimento da sua prática pedagógica. Esse processo somente poderia ser iniciado a partir da instalação maciça dos equipamentos e não antes.

A exibição dos programas —apoiados por material impresso— foi o segundo passo. A estratégia previa o envolvimento paulatino dos professores. Portanto, o fato de nem todos estarem desde logo utilizando a nova tecnologia

não representa o fracasso do programa.

Inovando, mais uma vez, em relação a práticas correntes no setor público, decidiu o Ministério da Educação acompanhar a implantação da TV Escola, realizando uma avaliação trimestral para medir o desempenho do programa. A TV Escola iniciou suas atividades há um ano —no dia 4/3/96. Três avaliações de acompanhamento foram feitas no ano passado.

A análise desses relatórios mostra uma evolução extremamente positiva. No final do ano, 23 Estados já haviam instalado 100% dos equipamentos, e nos 4 restantes o percentual era superior a 80%. Em 17 Estados, o percentual de escolas que recebiam regularmente o material impresso de apoio era superior a 60%.

Em 23 Estados onde foi possível colher dados, 57% das escolas, em média, utilizavam a TV Escola, e em 43% os programas eram gravados para utilização posterior pelos professores. O relatório aponta os casos de maior êxito justamente nos Estados onde foi feito um esforço maior de motivação dos professores, com o apoio dos secretários de Educação e da equipe do MEC.

Destacam-se os casos de Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Acre, Rondônia, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, com percentuais superiores a 60% em ambos os quesitos.

Nessa perspectiva, carece totalmente de fundamento a afirmação apressada de que tenha havido desperdício de recursos públicos e de que o programa é um fracasso. Mantida a atual trajetória —corrigindo-se todos os problemas detectados nas avaliações trimestrais—, estou certo de que caminhamos para um caso exemplar de êxito na implementação de políticas educacionais inovadoras em nosso país.

Paulo Renato Souza, 50, economista, é ministro da Educação e do Desporto. Foi reitor da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) de 1986 a 1990.